

Notas de Pesquisa

As missões populares na Carta Ânua de 1735/43, da Província Jesuítica do Paraguai

People's missions in the Annual Letter of 1735/43 from the Jesuitical Province of Paraguay

Beatriz Vasconcelos Franzen¹
bfranzen@bage.unisinos.br

A Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai, escrita pelo padre Pedro Lozano, S.J., na época cronista da província, descreve os acontecimentos ocorridos no período que se estende de 1735 a 1743. A carta foi dividida pelo autor em oito capítulos, porém a transcrição digitada do documento, traduzido pelo P. Carlos Leonhardt, S.J., por nós utilizada como fonte de nosso trabalho apresenta somente sete capítulos. A transcrição digitada foi feita no Instituto Anchieta de Pesquisas, de São Leopoldo/RS, em 1994.

A riqueza de eventos narrada pelo autor da carta inclui desde fatos ocorridos nos colégios e reduções até os acontecimentos relativos à Revolução dos Comuneros que assolara o Paraguai e que, após 14 anos, tinha sido recentemente dominada com o auxílio de milícias indígenas oriundas das reduções. Estas haviam sofrido grandes ameaças por parte dos revolucionários, tal como os jesuítas, que, por duas vezes, haviam sido expulsos do colégio de Assunção (1724 e 1732). Nem bem as reduções jesuíticas começavam a respirar com mais tranquilidade, já os índios eram chamados a ajudar as forças militares de Buenos Aires no cerco à Colônia do Sacramento (1735/1737), fortaleza que os portugueses haviam instalado frente a Buenos Aires, na margem norte do Rio da Prata, em 1680.

Estes são alguns dos acontecimentos narrados por Lozano nesta carta, que é, na verdade, um livro de História.

Porém, como todas as cartas ânua de este período, ela apresenta outros dados de relevante importância para a Companhia de Jesus na época. O caráter edificante, que as cartas sempre apresentam, aparece de forma bastante destacada também nesta. Este aspecto se manifesta, especialmente, nos capítulos em que Lozano descreve as missões desenvolvidas a partir dos colégios, tanto nas cidades, como Buenos Aires, Córdoba, Montevideu, Salta, San Miguel, Santiago del Estero,

¹ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil.

Rioja, Assunção, Tarija, quanto nas áreas circunvizinhas aos colégios, penetrando no interior, visitando e pregando em pequenas aldeias e fazendas, atendendo aos colonos, aos índios e aos negros, escravos ou livres.

As missões desenvolvidas nas cidades são assinaladas como missões populares e as que atendiam ao interior são descritas como missões campestres.

Chamam-nos a atenção as missões desenvolvidas nas grandes cidades, como Buenos Aires, Córdoba e Assunção. Nelas, Lozano destaca a participação intensa da população, inclusive com a presença das autoridades locais e o apoio dos clérigos, a começar pelo bispo, e dos outros grupos religiosos.

Outro aspecto que se destaca na carta é a presença das mulheres nas missões. Nas cidades, as mulheres participavam das missões, com uma presença que Lozano destaca, descrevendo sua constância nos atos religiosos, sua dedicação nas penitências e sua piedade manifesta em todas as oportunidades oferecidas durante a mesma. Ao analisarmos a presença destas mulheres, chama-nos a atenção a desenvoltura com que elas participam da vida da cidade.

Nesta comunicação, analisaremos a descrição que Lozano faz das missões populares e destacaremos o papel das mulheres por ele assinalado.

As missões populares

Por três anos seguidos (1734-1736) foram pregadas missões apostólicas em todas as cidades da Província.

Para Lozano, a missão era remédio eficaz, enviado pela misericórdia de Deus, com singular proveito das almas, contra os múltiplos costumes depravados.

O provincial designou para a pregação das missões o padre Ignácio Oyarzábal. Figura de relevo na descrição de Lozano, dotado de grande eloquência, sua palavra era eficaz para comover os fiéis a um sincero arrependimento de seus pecados e a um firme propósito de emendar-se. Padre Ignácio Oyarzábal era um homem destemido que afrontava todos os problemas, não se deixando abater por nenhuma dificuldade. Sua palavra alcançava a alma pecadora, destruindo todos os obstáculos que impediam a irrupção do arrependimento, destruindo as muralhas do ódio, do rancor e dos vícios. Era uma palavra forte, violenta mesmo, que chegava ao âmago do pecador, fazendo com que as fortalezas do mal desmoronassem. Este é o retrato do padre missionário traçado por Lozano. O padre Ignácio iniciou

sua obra pela diocese de Tucumán, pregando nas cidades e paróquias juntamente com o padre Antonio Gutiérrez. Eram acompanhados pelo bispo de Córdoba, Dom José Antonio Gutiérrez de Cevallos, em sua visita pastoral. (Na época em que Lozano escrevia a carta D. José já era arcebispo de Lima.) Saíram de Córdoba em maio de 1734 e regressaram em dezembro de 1736, quando o bispo voltou a sua catedral. A pregação abrangeu não só as povoações espanholas, mas também as aldeias dos índios e, segundo Lozano, com grande proveito das almas e satisfação do bispo, o qual, depois de resolver alguns assuntos urgentes, voltou à sua visita pastoral, em 1740, sendo acompanhado, a seu pedido, por outros operários da Companhia, os padres Lorenzo Planes e Gaspar Pfizer.

Entretanto, face aos resultados tão significativos alcançados na primeira missão, deliberou o padre Jaime de Aguillar, provincial da Província Jesuítica do Paraguai, estender estas missões a todas as demais cidades da Província. Para tanto, no dia 27.05.1738 deu-se início à missão de Córdoba. Houve um chamamento geral à população, percorrendo o padre Ignácio com o Santo Cristo crucificado toda a cidade. Era acompanhado por dois jovens alunos do Régio Convictório de Monserrat, cantando as estrofes próprias das missões. Convidavam a população para que acudisse à igreja do colégio para ouvir a palavra de Deus. Animadas por este convite, todas as pessoas, independentemente de classe social, passaram a acompanhá-los, abandonando suas atividades para dedicarem-se ao mais importante, a salvação de suas almas.

Chegou isto a tanto, segundo Lozano, que as servas e criadas, que estavam buscando água no rio que passa pela cidade, deixaram seus cântaros em casa, para juntar-se à multidão que seguia o Santo Cristo. Ao chegarem à igreja, o padre Jaime Aguillar explicou por meia hora a doutrina cristã, procedendo deste modo todas as noites com ardente zelo. Após, os dois convictores de Monserrat dispunham os ânimos com cânticos alusivos à matéria que seria tratada pelo padre Ignácio. Este, nas palavras de Lozano, no púlpito, vestido “de roquete”², tendo na mão direita o Santo Cristo crucificado, durante quase uma hora pregava as verdades eternas, ferindo no mais fundo dos corações, como uma espada de dois fios (p. 98)³.

Resultado: gemidos, soluços, lágrimas, lamentos ao ponto de que o orador tinha que pedir aos ouvintes que moderassem suas lágrimas e lamentos para que não confundissem suas palavras.

A comoção era total, todos desejavam confessar seus pecados. Não foi possível calcular o número total das pessoas, mas as comunhões chegaram a 6 mil.

² *Roquete* = sobrepeliz de mangas curtas (María Moliner, *Diccionario de uso del español*, Madrid, Gredos, 2000).

³ As páginas assinaladas correspondem à Carta Anua de 1735/43, transcrição digitada do documento traduzido pelo P. Carlos Leonhardt, S.J., São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1994.

A presença do padre Ignácio Oyarzábal, S.J. na missão era altamente proveitosa, sua eloquência brilhante impressionava o auditório e não passava sermão sem que mulheres e, não poucas vezes, homens desmaiassem, tão forte era a comoção.

As missões eram celebradas de manhã e de tarde, por oito dias, na catedral ou outra igreja.

A missão em Córdoba foi concluída com uma edificante procissão noturna – a procissão de penitência. Foram levadas as imagens do menino Jesus, do Ecce Homo, do Cristo Crucificado e da Virgem das Dores, esta última levada num andor posto sobre o ombro de “distinguidas damas españolas” (p. 105).

Esta foi a primeira das missões de um novo ciclo que, iniciado em 1738, estendeu-se até 1741. Sucederam-se missões em Buenos Aires, Montevideu, Assunção, San Juan de Vera de Corrientes, Santa Fé, e posteriormente, após ter pregado nas governações do Paraguai e do Rio da Prata, o padre missionário dirigiu-se à Tucuman, iniciando seu roteiro, em 1740, pelo Vale de Catamarca, pregando em San Fernando, La Rioja, Santiago del Estero, San Miguel del Tucuman, Salta, Jujuy e, finalizando, em Tarija.

A descrição que Lozano faz da missão em Buenos Aires, Montevideu e Assunção é de grande riqueza de detalhes.

Em Buenos Aires, a missão prolongou-se por 12 dias, tendo iniciado em 13.10.1738. A procissão de penitência é apresentada com minúcias. Dela participaram autoridades civis e eclesíasticas, inclusive o governador, todos com coroas de espinho sobre a cabeça, cordas ao pescoço e vestidos com trajes de penitência. Após eles, vinham as mulheres e, chama Lozano a atenção, em tão grande número que somente uma ficara em casa. Andavam descalças e em completo silêncio. Antecedendo às autoridades, as crianças e o povo em geral davam exemplos de grande dor e sofrimento pelos pecados.

Os resultados da missão nesta cidade foram muito significativos, pois, segundo Lozano, era admirável a reforma universal de costumes que se manifestou por todo o tempo posterior, no desaparecimento das inimizades, na restituição das coisas mal havidas, na abolição dos concubinatos e no desterro dos vícios. A bebedeira desapareceu de tal forma que os vendedores de aguardente entraram em bancarrota (p. 113).

De Buenos Aires, o padre Ignácio dirigiu-se a Montevideu. Era a primeira missão que ocorria naquele local desde sua fundação em 1725, segundo Lozano. O padre Ignácio foi acompanhado pelos padres Domingos Massala e Miguel Morales para que tomassem a seu cargo a explicação da doutrina e ajudassem a confessar. A estes se juntaram alguns externos.

A população de Montevideu, profundamente tocada pelos resultados excelentes da missão, desejava que se fundasse ali uma residência da Companhia, porém até a

data em que a carta estava sendo escrita (24.07.1743) não cessavam os pedidos para isto. A Companhia teria atendido a estes desejos, especialmente para acudir ao extremado abandono espiritual daquela população, desde que houvesse alcançado a devida permissão da parte de “nuestro Rey católico” para proceder à semelhante fundação (p. 122).

A profunda relação entre a Companhia de Jesus, no caso representada pela Província Jesuítica do Paraguai, e a Coroa espanhola fica bem manifesta em várias oportunidades descritas na carta.

Após Montevideu, subiram o rio e foram pregar missão nas naves de guerra, estacionadas no porto de Buenos Aires (“en este puerto”).

Apesar de não esperarem grandes resultados, visto os marinheiros serem “clase de gente no muy aficionada a las prácticas religiosas” (p. 122), tanto pela sua ignorância na doutrina cristã como por suas muitas distrações, os resultados foram muito bons devido ao apoio por parte das autoridades marítimas espanholas, assistindo os capitães a toda a missão e estimulando seus soldados e marinheiros a ouvir com atenção a palavra de Deus.

A gente do mar era constituída de diferentes nacionalidades, espanhóis, franceses, italianos e nascidos em Malta. A presença do padre Massala, que falava italiano, foi importante, pois pôde confessar os que não eram espanhóis (p. 123).

É interessante observar que Lozano sempre se refere de modo elogioso ao apoio das autoridades civis e religiosas. Na verdade, as missões eram para elas de grande importância, visto que o efeito para a ordem pública era muito significativo. Após o período de catarse que a missão representava para uma população que, durante vários anos, ia armazenando rancores e ódios, vivendo situações de desregramentos morais, adultérios, embriaguez e outras, a missão proporcionava a oportunidade de “lavar a alma”, as culpas afloravam, o arrependimento vinha à tona, mas a palavra do padre assegurava o perdão de Deus. A comoção que tomava conta da população, tão bem descrita por Lozano, e que ocorria em todos os lugares onde a missão era pregada é a demonstração deste estado de tensão em que as pessoas se encontravam. A alma liberta trazia a tranqüilidade e a harmonia a que as autoridades tanto civis como religiosas aspiravam para suas comunidades.

Com a substituição do padre Aguillar pelo padre Antonio Machoni, no comando da Província, este manteve o padre Ignácio como missionário e o enviou para uma nova missão. Assunção era o destino. Esta cidade tinha sido palco de uma rebelião que, durante 14 anos (1721-1735), causara grandes transtornos à população, especialmente aos jesuítas que, mantendo-se fiéis às autoridades constituídas e ao poder real, eram combatidos pelos Comuneiros.

A discórdia ainda dominava a cidade, apesar de já se passarem quatro anos do término do movimento. Tudo parecia exigir o valioso socorro das almas que a missão representava.

Conhecendo a situação, o padre Ignácio não se satisfez com as demonstrações de arrependimento da população que ocorreu à missão em grande número. Não eram suficientes os lamentos, os gemidos e as manifestações de dor pelos pecados cometidos. Pretendia ele que a população chegasse às mortificações corporais e, por este motivo, no terceiro dia convidou o auditório a praticar estas mortificações. Muitos aceitaram, e, daí em diante, até o final da missão, todas as noites houve esta ‘santa penitência’.

Trinta mil penitentes se confessaram e 30 mil comungaram, segundo Lozano. As confissões e comunhões foram feitas em vários dias, pois não havia condições para que fossem feitas num só dia.

À comoção natural, que acontecia em tempos de missão, somou-se em Assunção o desejo de reparar as injúrias que haviam sido feitas ao colégio e aos jesuítas, por ocasião dos 14 anos de rebelião, pelas autoridades e por muitos da população, favoráveis aos rebeldes. Credo que suas almas estavam em perigo, estas pessoas buscavam, mesmo em altas horas da noite, segundo Lozano, fazer as pazes com os jesuítas, pedindo-lhes perdão, arrojando-se a seus pés.

Concluída a missão, o padre Ignácio convidou a população aos Exercícios Espirituais, de forma a completar a ação benéfica já alcançada pela missão.

Entre os participantes que se mostraram profundamente afetados estavam homens que haviam participado da Revolução dos Comuneros e tinham agido contra os jesuítas, tais como o Señor Miguel de Garay, da alta nobreza, que tinha, nas palavras de Lozano, sido um dos principais caudilhos da revolução paraguaia (p. 143). Miguel de Garay chegou mesmo a fazer uma retratação pública de todas as acusações que havia feito contra os jesuítas, na época da revolta. Firmou um documento declaratório junto ao notário público da cidade e, perante testemunhas, entregou-o ao vice-reitor do colégio, padre Manuel Querini, pedindo-lhe perdão de joelhos, e assim permaneceu enquanto, a seu pedido, o documento era lido.

Durante sua permanência na cidade, o padre Ignácio também trabalhou com muito zelo no sentido de acabar com um abuso muito indecente e que causava grande desagrado à população. Os infieis payaguas andavam pela cidade completamente desnudos, muitas vezes entrando em residências na presença de mulheres. Ninguém protestava, por medo de irritar estes inimigos ferozes e bárbaros. O cabildo secular prometeu não deixar pedras por mover para que eles não entrassem na cidade de forma tão chocante.

Por todos os motivos, o padre missionário grangeou grande estima entre os moradores da cidade, que desejavam que ele ali permanecesse.

Nas demais cidades visitadas repetiram-se os acontecimentos tais como narrados até aqui. Lozano tinha a preocupação e o talento necessário para descrever todos os fatos de forma que é possível quase vê-los. As descrições das procissões de penitência nos permitem visualizar o teatro barroco que estas procissões representavam. Havia crianças, homens, de diferentes grupos sociais, autoridades civis e eclesíásticas, coroadas com espinhos, trajes de penitência, cordas no pescoço, cadeias nos pés. Muitos homens ficavam com os braços em cruz, outros eram arrastados pelos escravos, puxados por freios nos dentes, flagelando-se, açoitando-se. Havia mulheres descalças, as calçadas colocavam nos sapatos grãos de milho. Toda esta multidão seguia o padre missionário, que, com voz troante, clamava aos céus pelo perdão dos pecados.

Em alguns lugares, como em Santa Fé, a intensidade das penitências que os homens se aplicavam foi tão grande que Lozano escreve que “parecia querer-se matar ellos” (p. 177). Nesta cidade, Santa Fé, no oitavo dia, o padre Ignácio pregou sobre o inferno, e a comoção foi intensa, com os homens se dando fortes bofetadas, e foi tão cruel a flagelação que, diz Lozano, os clérigos destinados a cantar o “Miserere”, de tão perturbados com o espetáculo que não tiveram condições de continuar a cantar. Algumas pessoas vindas da Europa afirmaram que, mesmo tendo assistido a tais funções lá, nunca haviam visto coisa igual (p. 179).

As noites dedicadas ao chamado “assalto às almas” e a do sermão sobre o perdão dos inimigos foram muito comovedoras, como nas outras cidades.

Após descrever de forma minuciosa os acontecimentos em Córdoba, Buenos Aires, Montevideu, Assunção, Corrientes e Santa Fé, Lozano passa a resumir sua descrição do que ocorreu nas demais cidades. Assim é que, em San Miguel del Tucuman, onde o padre missionário chegou em 24.08.1740, ele destaca a presença dos Lules, índios neófitos que se apresentaram à missão e, impressionados com o que viam, arrependem-se também e confessaram-se com o padre Buenaventura Castell, que conhecia a língua deles. Segundo Lozano, estes índios não queriam viver na redução, sob os cuidados dos jesuítas, e viviam vagando pela selva, mas, tendo participado e aproveitado a missão, muitos se juntaram à redução (p. 197).

Depois de ter pregado em San Fernando, La Rioja, Santiago del Estero, Salta e Jujuy, o padre missionário dirigiu-se para Tarija.

Nas cidades de San Fernando e Jujuy não havia colégio nem residência jesuítica, mas, após a missão, as populações de ambas passaram a clamar pela presença dos inicianos. A última missão foi em Tarija, onde o padre Ignácio chegou em 1741, e ali permanecia até a época

em que Lozano estava escrevendo a carta (julho de 1743).

Quando Lozano relata as missões populares, observa-se o seu entusiasmo por esse tipo de atividade missionária de seus “irmãos de religião”. O êxito delas entusiasmava-o, e este entusiasmo ele deixa claro nas páginas de sua carta. Nestes trechos, o caráter edificante do documento manifesta-se de forma mais evidente. Quando, durante a missão, o missionário, pregando o arrependimento dos pecados, levava a população a penitências públicas como a flagelação, muitas vezes violenta, observa-se no cronista uma sincera admiração. É o que acontece quando ele se refere à missão em Tarija, na qual o missionário, empolgado com suas próprias palavras, excede-se na flagelação que impôs a si mesmo. Lozano mostra-se empolgado: “Era maravilloso, como la ardiente palabra del misionero fue apoyada a producir efecto, por su práctica de hacer penitencia publica. Asi, en aquel sermón de la Pasion se maltrataba tan cruelmente, que el señor vicario ya no aguanto tal horrible escena, sino le arrancó por fuerza el azote de la mano” (p. 206).

A participação das mulheres

No capítulo (2) da carta dedicado à descrição dos fatos relacionados com as missões populares, observa-se uma preocupação de Lozano com a participação das mulheres, não só por ocasião das missões e todo o seu ritual, mas também nos Exercícios Espirituais ofertados, em geral, após o término das missões.

Ele também descreve a participação das mulheres em festividades religiosas e apresenta vários exemplos de mulheres de grande religiosidade.

As mulheres e as missões

Durante as missões houve um envolvimento muito grande por parte das mulheres. Em Buenos Aires, um grande número delas participou de toda a missão. Nos dias das festas do Senhor e da Santíssima Virgem, bem como nos dias de jubileu, estavam as mulheres postadas junto ao confessor, apertadas de ambos os lados, ali ficando várias horas, esperando a vez de confessar-se. E, segundo Lozano, o que muito consolava é que, apesar do grande número presente, somente uma tinha pecado mortal, o que mostrava que o trabalho permanente (exercícios e sermões) dos padres dava resultado (p. 68). Esta participação das mulheres, em algumas cidades, era restringida a alguns atos, mas elas exigiam

participar, inclusive, nas penitências e disciplinas. Isto era difícil, pois em muitos lugares não havia local onde elas pudessem desenvolver estas atividades, que não poderiam, por motivo de decência, ser feitas em conjunto com os homens. Em Assunção, onde não havia sequer um convento de monjas onde as senhoras pudessem se reunir, as mulheres chegaram a levar a mal as restrições impostas à participação feminina:

[...] se les tenía por menos capaces a ellas, que a los hombres, y ya que no se permitía su presencia adentro de la iglesia, no se podían contener de hacer la misma penitencia delante las puertas del templo, azotándose públicamente. Por eso fue menester, por razones de decencia, destinar en adelante para la flagelación de ellas otras tres iglesias. Por precaución fueron designados tres dignatarios eclesiásticos, teniéndose cada uno, con una decente comitiva, apartarse delante las puertas de la iglesia a el encomendada, para vigilar que no entrase ningún hombre (p. 131).

Antes de sair de Assunção, o padre Ignácio conseguiu a promessa das autoridades de construir um espaçoso edifício onde se pudessem recolher as mulheres que queriam abandonar o mundo e servir a Deus e no qual muitas órfãs da cidade poderiam se preservar do perigo e ser educadas honestamente.

Em todas as cidades, as mulheres foram notadas como participantes atentas e obedientes de todos os rituais da missão. Nas procissões de penitência, as mulheres, inclusive as mais “distinguidas” da cidade, faziam, ainda que ocultamente, cada uma sua penitência especial, levando ásperos cilícios e caminhando quase todas descalças (p. 159). Em Santa Fé, depois de terem conseguido uma igreja para fazer suas penitências, o fizeram de tal forma que o vigário, que controlava as portas da igreja, afirmou que não pensava ser possível tanto rigor em açoitar-se. Foi necessário admoestá-las para que cessassem as penitências quando soasse a campainha; caso isto não ocorresse, não seria mais permitida a entrada delas na igreja (p. 178). Os resultados eram sempre excelentes. Segundo Lozano, várias mulheres cortaram, espontaneamente, seus cabelos, renunciando aos vaidosos adornos das mulheres mundanas, para prevenir as ocasiões de pecado. Muitas donzelas seguiram o exemplo e, desprezando os atrativos do mundo, se consagraram a Deus na religião (p. 182).

Os exercícios espirituais

Para Lozano, os “[...] exercícios de Santo Ignácio eram as armas mais poderosas com as quais, durante aqueles

oito anos, os jesuítas haviam combatido os inimigos infernais. Não havia colégio em que não fossem dados aos homens. Além disso, em Córdoba, em Rioja, no porto de Buenos Aires e em Santiago del Estero já eram, desde muito tempo, dados também às mulheres (p. 35).

Havia resistências a esta participação em Assunção, em Santa Fé, em Corrientes e em Tarija, porém nos últimos anos esta resistência tinha sido vencida. Em 1743, em toda parte, eram comuns os Exercícios para ambos os sexos. “Y esto no solo para la gente distinguida, sino también para la plebe y para los de servicio, dandoseles a cada clase social según su capacidad” (p. 35).

Em Buenos Aires foi necessário restaurar a Casa de Exercícios das mulheres, situada próximo do colégio, e para isto alguns cavalheiros bem situados, entusiasmados com o bom resultado desta prática, concorreram com os gastos necessários.

Também em Assunção havia planos para a construção de uma casa de exercícios para mulheres. O mesmo ocorreu em Santiago del Estero e em Córdoba, onde se aproveitou a antiga Casa de Provação.

Por ocasião deles, as pessoas eram alojadas em colégios e casas de acordo com sua condição social.

Esta prática começou em Córdoba e Salta, com tão bons resultados que buscaram estendê-la a Buenos Aires e Assunção.

Pelo mês de setembro, na primavera, as mulheres se retiravam de sua casa de exercícios, se a havia no lugar de seu domicílio, e então se alojavam em uma casa espaçosa situada nas cercanias do colégio jesuítico. Acomodadas antecipadamente para este fim, dali se encaminhavam, duas vezes por dia, juntas à igreja para ouvir missa e os pontos de meditação. Entre as mulheres era observado o mesmo procedimento dos homens: primeiro fazia os Exercícios a alta sociedade e, depois, a gente mais pobre. Em Córdoba seguiam alternadamente quatro grupos de mulheres, por quatro semanas seguidas, com a particularidade de que em cada grupo não eram admitidas mais de 50 mulheres.

Em 1741, houve tantas mulheres que foi necessário que o padre Jaime de Aguillar, reitor do colégio em Córdoba, organizasse os grupos que ocuparam os padres por 48 dias.

Acreditava Lozano que no ano seguinte (1742) teria ocorrido o mesmo se não fosse a epidemia que apareceu.

Segundo ele, as mulheres “*parece que nunca se hartan con prácticas de la vida espiritual, ahora determinadas se reúnen en el templo para oír la lectura espiritual, y una práctica piedosa, para meditarla despues en su casa, como si continuasen las distribuciones de los Ejercicios*” (p. 37). Também em Salta, em 1739, houve grande entusiasmo. O padre Gabriel Novat assinala o fervor religioso das mulheres espanholas, permitindo que se reunissem duas vezes na casa de recolhimento na qual cabiam 40 pessoas por vez. Porém, acorreram as 40 em cada grupo e mais

quatro em cada um. Também as mulheres do povo fizeram algo semelhante, em vez de grupos de 30 acorreram 50.

Os resultados disso tudo foram excelentes em ambas as classes sociais: “*Se mostró una gran reforma de costumbres, tanto que quedó maravillada la ciudad, siendo más consolador aún la perseverancia de ellas en el buen camino...*” (p. 38)

“*Así, algunas distinguidas damas católicas, al salir de la casa de Ejercicios quedarán los botes con los colores, con que se habían pintado la cara, y los tirarán a la basura, despreciando en adelante el afeite de la cara, tan usado antes entre las mujeres de la ciudad*” (p. 39).

Algumas fizeram, junto com seus maridos, votos de continência. Uma, muito jovem, pediu ao marido para recolher-se a um convento; ante a negativa, ela contentou-se com renunciar a todo o luxo feminino e vestir-se com o hábito de carmelita, fazer cada dia sua meditação e exame de consciência e viver na casa de seu esposo uma vida de claustro (p. 39).

O êxito alcançado pelos Exercícios Espirituais e os grandes resultados fizeram com que, em muitos lugares, houvesse a solicitação da presença de padres (estes lugares não tinham domicílio da Companhia).

Em Buenos Aires, as mulheres acorreram em grande número quando chegou a notícia de que seriam dados os Exercícios Espirituais. Conta-nos Lozano:

No preciso asegurar, que los hacen con gran modestia, profundo silencio y fervorosa seriedad; solo tengo que decir, que son increíbles sus trazas para inventar penitencias corporales. Sus disciplinas son tan crueles, que manchan con sangre suelo y paredes; y ayunan por casi todos aquellos ocho días a pan e agua. Se cargan con cilicios y cruces purzantes; se ponen en los zapatos cardos espinosos, y se tejen coronas de espinas agudas y otros extraños inventos para mortificarse; son familiares por el cotidiano uso hasta a tiernas doncellas; y son inútiles las protestas de los directores de los Ejercicios, y la vigilancia de las señoras presidentas de ellos, porque el entusiasmo sagrado hace ingeniosas las ejercitantes en su deseo de padecer saben con mil artificios, sustraer de los ojos solícitos de los que dirigen los Ejercicios (p. 69).

Muitas destas mulheres, terminados os Exercícios, continuavam aplicando-se mortificações em suas casas e usando de crueldade contra si mesmas, já que ali ninguém se lhes opunha. Disciplinavam-se duas ou três vezes por dia, usando três ou quatro cilícios. Apesar de seus confessores desaprovarem o que faziam, contestavam que não estavam fazendo nada que a Igreja proibisse e que só desejavam imitar o que o Divino Salvador sofrera por elas.

Algumas, não podendo fazer estas práticas em suas casas, fingiam visitar alguma conhecida e, na realidade,

participavam de sessões de penitência junto com amigas que tinham as mesmas idéias e, assim, podiam penitenciar-se a seu gosto.

Diziam os comerciantes que as mercadorias de maior saída eram as disciplinas e os cilícios, os “jubones⁴ erizados” de cerdas e “puas”⁵ para martirizar o corpo (p. 70).

Participação nas festividades

As festividades organizadas por ocasião da canonização de São João Francisco Regis, em 1740, foram outra oportunidade para a participação das mulheres se destacar. Nesta ocasião, ocorreram procissão, jogos populares, danças de meninos espanhóis, índios e morenos. Os fogos de artifício enfeitavam as noites. Estas festas aconteceram em todos os colégios jesuíticos, com a participação de todas as demais ordens religiosas. Foi celebrado um pontifical pelo bispo doutor José Antonio Gutierrez de Ceballos. Em Córdoba e Santa Fé, as festas foram grandiosas, e nelas a presença das mulheres foi marcante. As senhoras mais “distinguidas” de Santa Fé adornaram as efígies dos santos da Companhia com novas sotainas, com pérolas e pedras preciosas, com anéis e broches de

ouro e outras preciosidades, tanto que, diz Lozano, todos os tesouros de Santa Fé, e estes não eram poucos, foram investidos no adorno dos Santos (p. 74).

Também em Córdoba ocorreu o mesmo, as senhoras “distinguidas” se encarregaram de adornar a estátua de São João Francisco de Regis, e as monjas do Convento de Catarina de Sena e outras senhoras afeiçoadas à Companhia enfeitaram as outras estátuas.

A maneira como Lozano nos relata a participação ativa das mulheres, por ocasião das missões, quer nos Exercícios Espirituais, quer nas festividades religiosas, faz-nos perceber uma mulher que efetivamente participa da vida da sua cidade. Quando lutavam pela sua participação nos Exercícios Espirituais, demonstravam força e coragem para ir contra os preconceitos.

O que Lozano nos apresenta vem confirmar aquilo que, durante muito tempo, ficou guardado nas entrelinhas da História: esta mulher teve um grande papel na construção de nossos povos.

Fonte

LOZANO, P., S.J. *Cartas anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay. Año 1735-1743*. Transcrição digitada da cópia microfilmada da tradução do Padre Carlos Leonhardt, S.J. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1994.

⁴ *Jubones* = jaqueta antiga, “prenda” de vestir ajustada ao corpo, que cobria desde os ombros até a cintura.

⁵ *Puas* = dentes de pente ou de escova.

